

O rei oculto *versus* a Pátria Americana: a construção da imagem de Fernando VII no movimento de independência mexicana (1810-1821)

LAÍS OLIVATO¹

No dia 18 de setembro de 2010, em ocasião das festividades pela comemoração do Bicentenário de Independência Mexicana, o atual presidente do México, Felipe Calderón declarou que:

O ano de 2010 será, sem dúvidas, tempo de júbilo e alegria. Em cada lugar, em cada escola, em cada bairro ou praça pública, viveremos intensamente o orgulho de ser mexicano, o orgulho de prover desse nosso passado rico em complexidade, dramatismo e glória, porém celebraremos também o orgulho de nosso futuro.

*Um orgulho que construiremos juntos, com a firme determinação de engrandecer cada dia nossa Pátria, como foi o ideal de nossos libertadores; porque finalmente a Pátria é de todos, a Pátria é para todos.*²

O discurso de Calderón evidencia um imaginário social sobre a independência que percorre o México até os dias de hoje, além de fazer parte da idealização sobre a construção da identidade nacional de seu povo. O fato de não representar apenas a separação com a Espanha, mas também o momento fundador da Pátria, é recuperado constantemente pelo discurso político. Em decorrência das festividades oficiais do governo e da relevância do tema para os mexicanos, o número de publicações, acadêmicas ou não, sobre o movimento iniciado em 1810 aumentou significativamente. Muitos historiadores têm se debruçado sobre tarefa de reinterpretar esse passado, seja criticamente, ou para torná-lo mais heroico.

Em entrevista recente ao *Periódico y Agencia de Noticias Imagen del Golfo*, o historiador Enrique Florescano declarou que as comemorações pelo Bicentenário produziram uma “nova historiografia” oficial que se preocupou em apagar as diversidades regionais do país por trás de um discurso de unidade nacional que serviria para atender às exigências políticas do momento histórico do país atualmente.³

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em História Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

² O discurso presidencial está disponível na íntegra no sítio http://www.bicentenario.gob.mx/index.php?catid=68:arco-bicentenario&id=259:discurso-del-presidente-felipe-calderon-hinojosa&option=com_content&view=article acessado em novembro de 2010.

³ A entrevista completa a Enrique Florescano está disponível no sítio <http://www.imagendelgolfo.com.mx/resumen.php?id=234538> acessado em março de 2011.

Florescano ignorou, contudo, uma produção historiográfica acadêmica de peso que, buscando analisar as especificidades dos acontecimentos do México em 1810, vem questionado a utilização de antigos métodos e fontes do que ele denominou “história oficial”.

Nessa nova corrente, a insurgência iniciada há duzentos anos pelo Padre Miguel Hidalgo de Costilla e, posteriormente, continuada por Padre José Maria Morelos y Pavón e Ignacio López Rayón, é interpretada a partir da constatação de que foi permeada pela construção de um espaço público⁴ e de uma nova consciência política que merece destaque. Muito dos relatos insurgentes evidenciam o diálogo entre *criollos* e indígenas passavam pela discussão das relações entre política e religião num momento de disputa pelo poder.

O mesmo contexto foi crucial para o desenvolvimento dos setores populares. Além de uma participação ativa no processo emancipacionista, houve uma nova construção discursiva que passava pela discussão ilustrada questionando a natureza política da população. Aqui, podemos observar que o iluminismo moderno da passagem dos séculos XVIII e XIX se chocou com antigas tradições coloniais advindas do amálgama de tradições do Império Asteca e da Coroa Espanhola. Essa simbiose aparentemente paradoxal aparece em harmonia nas fontes documentais.

O movimento de independência se apresenta para os historiadores como um tema inesgotável. Desde o século XIX, as pesquisas historiográficas abordam seus diferentes aspectos à luz de seus respectivos contextos e interesses políticos. Mas, considero que é necessário investigar mais sobre a construção desse novo espaço público durante o movimento para compreender o ponto de encontro do discurso promovido por *criollos* na mediação com os setores populares considerando sua participação nessa conjuntura. Um dos elementos fundamentais a serem analisados nessa relação é a utilização de símbolos do Antigo Regime, como a imagem da realeza espanhola representada por Fernando VII, aliados a um discurso político moderno.

Durante a liderança do padre Hidalgo, no movimento de insurgência a única personalidade espanhola respeitada era a do rei Fernando VII, que havia sido

⁴ Os novos espaços de sociabilidade do século XIX se formaram no contexto dos movimentos iluministas. São caracterizados por meio de salões, tertúlias e ambientes sociais que permitiam o debate e a troca de ideias seja por meio de impressos ou de debates constituídos oralmente. Ver: DARNTON, Robert **Os best-seller proibidos da França pré-revolucionária** trad. Hidegard Feist São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

aprisionado pelos franceses em 1808. O monarca era representado como uma figura protetora do movimento. Segundo o historiador Enrique Florescano, a mentalidade mítica dos indígenas sacralizou a imagem do monarca, pois, no lugar de pedir sua cabeça, o aclamou e o converteu em um poder protetor da ação insurgente. Era uma fonte de justiça que operava de acordo com sua sacralidade⁵. Já Eric Van Young, afirmou que o rei era uma figura messiânica, conforme a tradição católica, mas também um herói dentro de um imaginário mítico. Para o autor, a aparente ambiguidade da representação de Fernando VII, na realidade da guerra, se apresentou como a conjunção de símbolos que uniam dois mundos, o do conquistador e o do conquistado, num cenário de luta pela soberania de um só povo, o mexicano.

Estudar a sacralização de Fernando VII no movimento de Hidalgo e, posteriormente, sua ausência durante a liderança do Morelos, nos permite observar a mudança provocada na conjuntura política ao longo da insurgência dentro de um processo de formação de identidade nacional.

As ciências humanas colocam em evidência que todo poder político é rodeado por representações coletivas e que, para ele, o âmbito do imaginário e do simbólico é um lugar estratégico e de importância capital. Entre os séculos XII e XIII, a partir do momento em que se consolidaram os poderes monárquicos na Europa, foram elaborados centros de representações ao redor da realeza. Conforme Ernest Kantorowicz, em *Os Dois Corpos do Rei*, o rei começou a ser representado nessa conjuntura como um ser reunido em dois corpos diferentes: um corpo natural e visível, que nasce, sofre e morre, e outro corpo político e invisível, perfeito e incapaz de fazer mal, que não morre jamais e persiste além dos corpos individuais. Para ele,

O Corpo político da realeza manifesta-se como uma imagem dos 'espíritos e anjos sagrados' porque representa, como os anjos, o Imutável no Tempo. Foi alçado a alturas angelicais, um fato para o qual se deve atentar.
(KANTAROWICZ, [1956], 2000: 122)

Assim, a figura do rei estava rodeada de um respeito religioso e era considerada um vínculo que unia as diversas comunidades políticas da monarquia. Para os rebeldes mexicanos do início do século XIX, romper essa união com o rei significava contrariar

⁵ Conforme Marc Bloch em *Os reis taumaturgos*, uma das origens da sacralidade do monarca na Idade Média era o poder de seu toque capaz de curar doenças de seus súditos. O costume teria divinizado a realeza e propiciado sua legitimidade durante todo o Antigo Regime. BLOCH, Marc **Os reis taumaturgos** São Paulo: Companhia das Letras, 1983, p. 71.

todo o processo histórico que deu legitimidade às instituições políticas desde a Idade Média.

Peter Burke analisou a construção da figura de Luís XIV, da França, por meio da fabricação feita pela Corte, e por artistas a ela vinculados, de imagens simbólicas que supervalorizaram a sacralização do monarca. O autor considerou que o estudo do rei enquanto figura mítica pode auxiliar, metodologicamente, o historiador que se debruça nesse tema.

Poderia ser útil, por exemplo, pensar este livro como um estudo do mito de Luís XIV. À primeira vista a expressão parece apropriada, porque Luís XIV era constantemente comparado com os deuses e heróis da mitologia clássica, como Apolo e Hércules. Entretanto, o termo 'mito' poderia ser empregado de uma maneira mais ambiciosa, e também mais convertida. Poderíamos definir mito como uma história com significado simbólico (como um triunfo do bem sobre o mal), em que os personagens, quer sejam heróis ou vilões, ganham dimensões maiores que na vida. Cada história se situa no ponto de interseção entre o arquétipo e uma conjuntura, em outras palavras, entre imagens herdadas e acontecimentos específicos e individuais. (BURKE, 1994: 18).

A construção de um mito na realeza pressupõe, também, o papel empregado pela mesma na questão da soberania política. Enquanto o monarca do Antigo Regime deposita em si mesmo a imagem do sagrado e do político, o rompimento do sistema significaria uma mudança nas concepções sociais dentro de um imaginário coletivo. Contudo, analisar Fernando VII como um mito durante a insurgência, nos leva a teorizar sobre qual é o significado das figuras míticas dentro da sociedade.

(...) É preciso reconhecer a enorme dificuldade em defini-lo com precisão: surgidos antes da História, como signos codificados das percepções dos povos, os mitos conservam o mistério de sua origem; determinar suas fronteiras é pois uma tarefa provavelmente tão árdua quanto a de definir os limites do subconsciente.

Devemos, portanto, contentar-nos em saber que se tratam de sentimentos, aspirações, temores, desejos e sonhos de um povo; que os mitos são, em suma, produtos da imaginação coletiva, próprios a uma civilização e a uma época determinada, que podem tomar a forma de imagens, lendas, tradições e gestas épicas, e que frequentemente eles se inscrevem em livros sagrados. (MAHASICH-ARIOLA e BEER, 2000: 17,18).

Portanto, se optarmos pela análise de Fernando VII enquanto um mito, no momento inicial da insurgência, não teremos bases metodológicas suficientes para compreender a imaginação coletiva dos rebeldes em um momento de ruptura política com o Antigo Regime e com a própria noção de soberania. O estudo dos mitos parece viável para a análise de conjunturas estáveis e, não em momentos de turbulências.

Conforme Xavier-Guerra,

El deseo de reforma social y político es, efectivamente, universal en 1808. Fernando VII es más que una persona concreta, es el símbolo de la regeneración, la expectativa de una nueva sociedad en la que reinará la justicia y que se encarnará luego en las constituciones. (...) La doctrina absolutista del origen divino directo del poder regio se derrumba sin debate en la medida en que no ofrece base teórica alguna a la resistencia. (XAVIER-GUERRA, [1986], 2000: 122).

Neste sentido, utilizar o nome de Fernando VII como guardião da insurgência em 1810 é uma maneira de garantir a manutenção provisória da estrutura social a qual os rebeldes estavam acostumados, e incitar a população as e juntar ao movimento. Os qualificativos empregados a Napoleão nos documentos históricos representam uma imagem invertida desses valores do Antigo Regime. Napoleão foi infiel à palavra dada e à amizade que os reis e a pátria lhe haviam dado constituindo a ruptura com a sacralização do monarca presente no imaginário coletivo dos europeus desde a Idade Média. Em um pronunciamento feito ao Exército realista para tentar convertê-los à causa insurgente em 1812, Morelos fez uma interessante caracterização do imperador francês.

¿Pretendéis sea presa del francés nuestra querida patria que se extinga de este precioso reino la sagrada religión, que se conviertan los sagrados templos en casas de prostitución, que sobreviniendo todo aquel cúmulo de males que no podéis dejar de conocer, ni yo me atrevo a prorrumpir sin lágrimas, seáis instrumento inmediato de vuestra aniquilación temporal y espiritual? ¿Peleáis por despojar al Señor omnipotente de esta preciosa heredad y entregarla a Satanás? No comprendo ni alcanzo cómo tenéis valor para coadyuvar a la más bárbara empresa que han visto los siglos.⁶

Contudo, ao analisar os jornais insurgentes, Fernando VII não aparece apenas como um messias que livrará a Nova Espanha das malevolências trazidas pelo imperador francês, mas como o guardião da soberania de dois povos: o espanhol e o mexicano. No jornal *Ilustrador Americano* número cinco do dia 10 de junho de 1812⁷, o editor elencou alguns princípios em que o movimento se fundava:

*Principios naturales y legales en que se funda,
1. La soberanía reside en la masa de la nación;
2. España y América son partes integrantes de la monarquía;
sujetas al rey, pero iguales entre si y sin dependencia o subordinación de mas respecto de la otra. (...)*

⁶ Segunda Reconvención de Morelos a los americanos que militan em las filas realistas 1812, março, Cuautla In: HERREJÓN, Carlos **Morelos**, Antología documental México: Consejo Nacional de Fomento Educativo, 1985, p. 78.

⁷ Os jornais insurgentes citados neste artigo estão disponíveis para acesso no sítio virtual www.antorcha.net.

Plan de Guerra - Principios indubitables en que se funda

1. La guerra entre hermanos y conciudadanos no debe ser mas cruel que entre naciones extrangeras;

2. Los dos partidos veligerantes reconocen á Fernando séptimo los americanos han dado pruebas evidentes, jurandolo y proclamandolo su augusto nombre en sus títulos y providencias, y estampandolo en sus monedas y dineros numerario, en este supuesto estrina el entusiasmo de todos, y sobre este pie he caminado siempre el partido de la insurreccion (...).

Como é possível observar no fragmento acima, já ocorria, em 1812, a divisão entre Espanha e América sem dependência ou subordinação entre ambas. Contudo, a monarquia seguia sendo a mesma.

Ainda no mesmo jornal, nas edições dois, três e quatro dos dias de 30 de maio, 2 de junho e 6 de junho de 1812, respectivamente, o editor utiliza referências ao iluminismo equiparando o uso da religião e da razão como motivos fundamentais para que os americanos se juntem na luta.

La nacion americana á los europeos habitantes de este continente

Hermanos, amigos y conciudadanos la santa religion que profesamos, la recta razon, la humanidad, el parentezco, la amistad, y quantos vínculos respetables nos unen estrechamente de todos los modos que pueden unirse los habitantes de un mismo pueblo, que veneran á un mismo soberano, y viven baxo la proteccion de unas propias leyes, exigen imperiosamente que presteis atento oído á nuestras justas quejas y pretensiones.

Sin querer daros por entendidos de quales sean estas nos habeis llamado hereges, excomulgados, insurgentes, rebeldes, traidores al rey y á la patria: habeis agotado los epitetos mas denigrativos, y las mas atroces calomnias para figamar á la faz del orbe á la nación mas fiel á Dios e a su rey que se conoce sobre la superficie de la tierra.

Habeis tenido la temeridad de arrogaros la suprema potestad y baxo el augusto nombre del rey, mandar orgullosa y despotiscamente sobre un pueblo libre que no conoce otro soberano que á Fernando séptimo, cuya persona pretende representar cada uno de vosotros con atropellamientos que jamás ha executado el mismo rey, ni los permitiría aún quando este asunto se pupusiera á la soberania; el que conociendo vosotros por un testimonio secreto de vuestra conciencia concierne directa y únicamente á los particulares individuos, tratais con mas severidad que si fuera relativo al mismo rey: habeis pretendido reasumir en vuestras privadas personas los sagrados derechos de religion, rey y patria.

O *Ilustrador Americano* foi o jornal insurgente analisado com maior número de referências a Fernando VII. Editado por Jose Maria Cos, foi o sucessor do *Ilustrador Nacional*, impresso a mão. No número 2 do dia 18 de abril de 1812, o editor afirmou que,

El que con dolor nuestro estamos mirando en la presente lid, que continuaremos hasta derramar la ultima gota de sangre por el bien de la patria, por conservar estos dominios á Fernando VII, y porque no sea vulnerada la Religion santa que profesamos.

A luta política do Exército insurgente apareceu, no ano de 1812, associada à religião e à soberania do monarca. Embora já houvesse uma concepção clara de separação com a Espanha, o imaginário social do rei se sobressaía nessas relações. Até mesmo quando associado à Pátria Americana, como podemos observar na edição de número vinte do *Ilustrador Americano* do dia 1 de agosto de 1812, em que há a descrição de uma festa pela conquista da cidade de Tlalpujahua.

En la noche se iluminaron todas las calles y las dos plazas del real, que con anticipacion se habian limpiado de las inmundicias que las deformaba. Fué muy vistosa la simetria con que se pusieron las luces en el balcon de S. E. en uyo medio se comodó un decente dosel donde fué colocado el augusto retrato de nuestro Soberano el Sr. Don Fernando VII con una hermosa matrona al lado, símbolo de la América, en ademan de sostenerlo. En las extermidades se leían las siguientes octavas:

*Tlalpujahua feliz, Real venturoso,
alza la frente y la expresion admira
de ese augusto retrato magestoso
que gloria á um tempo y pesadumbre inspira;
es tu monarca amado, que lloroso
en dura esclavitud por tí suspira,
y desde alla con ahínco soberano
protege la honradéz del pueblo indiano.*

Contudo, essa associação não aparece no primeiro jornal da insurgência, publicado um ano antes. Em *El Despertador Americano*, o Pe. Francisco Severo Maldonado sempre faz alusão à Pátria quando se referindo às causas da guerra, mas sem nenhuma menção ao monarca. No número 4 do dia 2 de janeiro de 1811, o editor afirmava que lutavam apenas em defesa do território acusando a dominação espanhola das mais terríveis crueldades.

¿Pelais por vuestra Patria? Pero !Ay! que vuestra Patria, la América, la Madre legítima que os concibió en su seno, y os alimenta con su substancia, no tiene hasta ahora mas, que motivos de quexa contra vosotros, á quienos mira como hijos desnaturalizados y rebeldes que han tornado las armas contra ella. ¿No estais asociados con los tiranos que por espacio de tescientos años han saqueado, devastado y aniquilado á la América, con los déspotas que han tenido á vuestra Nacion siempre exausta, siempre exangue, en las mas deplorabe escaséz, en la mas absoluta miseria? ¿Que otra cosa es la historia de la dominacion española entre nosotros, sino la historia de las mais inauditas crueldades? ¿que otra cosa nos manifiesta esta historia, que una lucha tennáz y constante entre Dios, que se ha esmerado en enriquecer nuestro suelo, derramando en el con profusion las fuentes todas de la prosperidad?

Logo na abertura do *Despertador Americano* no dia 20 de dezembro de 1810, o editor se dirige a seus leitores como sendo estes os “Habitantes de toda a América”. Os franceses são acusados de usurpadores da religião que constituiria a verdadeira Pátria na

América. O discurso do jornal associou, frequentemente, Estado e Religião e pediu a Hidalgo que garantisse a continuidade da luta armada uma vez que a associação dessas duas instituições parecia essencial para o fundamento social do México. Essa questão será aprofundada no capítulo três da dissertação.

Por se tratar do primeiro da série dos jornais insurgentes da independência mexicana, o *Despertador Americano* teve um discurso que relacionava a luta pela Pátria Americana estritamente a valores religiosos, a fim de conseguir um maior apelo popular. Podemos concluir, que em outro estágio da luta a partir de 1812, os demais jornais tiveram que apelar também para a imagem de Fernando VII, já difundida no movimento popular neste novo contexto.

Quando o *Ilustrador Americano* passou a se dedicar à publicação dos avanços militares, o *Semanário Patriótico Americano*, editado por Andrés Quintana Roo, tomou seu lugar nas discussões políticas da época.

No número quatro publicado no dia 9 de agosto de 1812, o editor recorda o percurso percorrido pelos jornais e seu papel na fundação de uma opinião pública.

Casi veinte y tres meses han corrido desde que el cura Hidalgo proclamó la separacion de esta América del gobierno español, aunque reconociendo al mismo soberano, su voz en el pueblo de Dolores fué un golpe eléctrico que momentaneamente se comunicó por toda la masa de la nacion: está preparada de antemano à sacudir el yugo por las bexaciones que ha sufrido en todos tiempos del despotismo virreyneal, y demás justicias subalternas, sintió un general sacutimiento en todos sus miembros: cada uno volviendo sobre si comenzó á reflexionar en su actual situacion, á fixar sus ideas sobre el interés comun, á oír los reclamos de su propio corazon á desconfiar del influxo de la Peninsula; y conociendo todos una esperanza lisongera de mejorar la suerte del reyno, formaran muy en breve la opinion pública por el sistema de la insurreccion, la que cundió com tanta rapidez por los pueblos, que no dió lugar à sus corifeos de tomar anticipadamente àquellas meididas necesarias para resistir la oposicion con el mismo feliz éxcito com que habia logrado conmover à la nacion.

Essa preocupação com a formação da opinião pública do movimento teria ditado, assim, os usos e desusos da imagem de Fernando VII no discurso político destinado à população que participava ou não da insurgência. Como vimos, a utilização da figura do Rei, num momento como esse, era natural para um território que ainda estava atrelado ao Antigo Regime.

Contudo, em uma carta de Morelos destinada a seus soldados em 1812, o general afirma que o movimento não deveria mais lutar pelo rei espanhol, mas sim pela pátria americana.

Ya no hay España, porque el francés está apoderado de Ella. Ya no hay Fernando VII, porque o él se quiso ir a su casa de Bourbón a Francia y entonces no estamos obligados a reconocerlo por Rey, o lo llevaron a fuerza, y entonces ya no existe. Y aunque estuviera, a um reino conquistado le es lícito reconquistarse y a um reino obediente le es lícito no obedecer a su Rey, cuando es gravoso en sus leyes, que se hacen insoportables, como las que de día en día nos iban recargando en este reino los malditos gachupines adbistristas.⁸

Essa ambiguidade entre a relação de soberania política e a evocação a Fernando VII foi resolvida a partir de 1813, com o Congresso de Apatzingán, o nome do monarca deixou, totalmente, de ser citado. Como é possível observar nos jornais a partir desse ano, as discussões passaram a ser sobre o estabelecimento de um novo governo no México, onde a soberania passasse a residir no povo.

El Correo Americano del Sur, editado na cidade de Oaxaca por Carlos Maria Bustamante, fez constantes alusões à existência de um novo espírito americano e associa esse espírito à possibilidade de formar uma Confederação na Nova Espanha. No número quatro do dia 18 de março de 1813, o jornal incita a população a comemorar mais seu patriotismo.

Unas nuevas que pronostican tan cercano el triunfo de nuestra santa independencia, era natural que transportasen de júbilo á este pueblo generoso enterado ya de sus verdaderos intereses, y penetrado altamente de los sentimientos bien dirigidos de religion, fidelidad y patriotismo.

Sobre a Junta de Zitácuaro, formada nesse ano, *El Correo Americano del Sur* relata que todas os vivas foram dirigidos à Guadalupe e ao novo governo. O desaparecimento completo de seu nome dos documentos é o sinal de que o movimento mudou sua concepção de soberania e a transferiu para o povo. Hidalgo e Morelos são reinterpretados nesse momento como os grandes mártires da Pátria.

Parte desse processo está relacionado com o debate que fez parte da construção de um novo governo que pudesse garantir a defesa da religião e a felicidade pública da Pátria Americana. Nesse contexto, Fernando VII foi perdendo seu papel de soberano, enquanto os líderes políticos e religiosos ganhavam força e apoio popular. A partir de então, as referências às Luzes e à Virgem de Guadalupe aumentaram nos periódicos insurgentes.

⁸ Primera reconvencción de Morelos a los criollos que militan en las filas realistas 1812, fevereiro, Cuatlta In: HERREJÓN, Carlos **Morelos**, Antología documental México: Consejo Nacional de Fomento Educativo, 1985 p. 77.

Em 1821, com a oficialização da independência da Nova Espanha, o Plan de Iguala, escrito pelo General Iturbide, não fazia sequer menção ao monarca espanhol. Para a construção da República e, mais do que isso, da identidade mexicana foi necessária a ruptura total com as tradições do Antigo Regime.

Bibliografia

ABREL, Marta, SOIHET, Rachel e GONTIJO, Rebeca (orgs) **Cultura política e leituras do passado**: historiografia e ensino de história Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2007.

ÁVILA, Alfredo, **En nombre de la nación**: la formación Del gobierno representativo em México 1808-1824, México, Taurus/Centro de Investigación y Docencia Económicas, 2002.

BACZKO, Bronislaw. **Les imaginaires sociaux**. Paris: Payot, 1984.

BLOCH, Marc **Os reis taumaturgos** São Paulo: Companhia das Letras, 1983.

BURKE, Peter A **Fabricação do Rei**: a construção da imagem pública de Luís XIV Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

BRADING, David A. **Mito y profecía em la historia de México** México, Fondo de Cultura Económica, 2004.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas representações**. Lisboa: Difel, 1990.

DARNTON, Robert **Os best-seller proibidos da França pré-revolucionária** trad. Hidegard Feist Companhia das Letras, 1998.

DOMINGUES, Beatriz Helena **Tão longe tão perto**: A Ibero-América e a Europa Ilustrada, Rio de Janeiro, Museu da República, 2007.

FLORESCANO, Enrique **Memoria mexicana**. México: Fond de Cultura Económica, 1994.

HERREJÓN, Carlos **Morelos**, Antología documental México: Consejo Nacional de Fomento Educativo, 1985.

KANTAROWICZ, Ernest **Os dois corpos do Rei**: um estudo sobre teologia medieval Rio de Janeiro: Cia das Letras, 2000.

MAGASICH-AIROLA, Jorge e BEER, Jean-Marc **América Mágica**: quando a Europa da Renascença pensou estar conquistando o paraíso. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

MONTERO, Paula Índios e missionários no Brasil: para uma teoria da mediação cultural In: MONTERO, P. (org.) **Deus na aldeia**: missionários, índios e mediação cultural. São Paulo, Globo, 2006; p. 31-66

PRADO, Maria Ligia Coelho **América Latina no século XIX**. Tramas, telas e textos, São Paulo: EDUSP, 1999.

SOARES, Gabriela P. e COLOMBO, Sylvia **Reforma Liberal e lutas camponesas na América Latina**: México e Peru nas últimas décadas do séc. XIX e princípios do XX. São Paulo: Humanitas FFLCH/USP, 1999.

XAVIER-GUERRA, François **Modernidad e independencia**, México, Fondo de Cultura Económica, 2000.